

Bresser-Pereira revê percurso intelectual e frustração com governos em livro de entrevistas

Ricardo Balthazar

Folha de S.Paulo, 25.6.2021

Ex-ministro de Sarney e FHC reflete sobre formação, erros e contradições em livro organizado por discípulos

Em 1984, a ditadura militar agonizava e o economista [Affonso Celso Pastore](#) estava perto de encerrar sua gestão como presidente do Banco Central quando recebeu uma visita de [Luiz Carlos Bresser-Pereira](#), que então presidia o Banespa, o poderoso banco controlado pelo governo de São Paulo.

Os dois se conheceram na Universidade de São Paulo e sempre tiveram visões diferentes sobre muitos assuntos, mas nada os angustiava mais nessa época do que o ritmo acelerado em que os preços subiam. "Eu fiz tudo para baixar a inflação, mas ela não baixou", lamentou Pastore ao se despedir do colega.

Bresser achava que tinha a solução para o problema, mas diz que se calou para não ser indelicado. "Fiquei ali com vontade de dizer: 'Se você tivesse lido meus dois papers, você teria entendido por quê'", conta o economista, que um ano antes deixara com Pastore seus trabalhos teóricos sobre a inflação.

O episódio é relatado num livro que será lançado na próxima semana, em que Bresser reexamina sua formação intelectual, fala das frustrações acumuladas em suas passagens pelo governo e discorre com ironia sobre as incontáveis ocasiões em que suas ideias foram ignoradas pelos que discordavam delas.

A obra é resultado de cinco longas entrevistas realizadas entre 2017 e 2019 pelo jornalista João Villaverde, que foi seu aluno, e pelo economista José Marcio Rego, professor da Escola de Administração de Empresas de São Paulo, da Fundação Getúlio Vargas, onde Bresser começou a dar aulas em 1959.

"[Bresser-Pereira: Rupturas do Pensamento](#)" apresenta o economista como um pensador inquieto e eclético, que ao longo de décadas de trabalho fundiu elementos de diferentes correntes de pensamento na tentativa de oferecer uma contribuição original para o entendimento dos problemas brasileiros.

Embora os dois discípulos não façam segredo da admiração que sentem pelo entrevistado, o livro revela também um intelectual disposto a refletir sobre suas contradições e os erros cometidos no passado —e deixa claro que Bresser prefere [enfrentar as polêmicas](#) do que lidar com o descaso dos pares.

Formado em Direito pela USP, ele desistiu de ser juiz para estudar economia ao conhecer as ideias nacionalistas do [Instituto Superior de Estudos Brasileiros \(Iseb\)](#), pólo influente do pensamento progressista na década de 1950 e origem de muitas teses que o economista [defende até hoje com ardor](#).

Bresser fez mestrado na Universidade do Estado de Michigan, nos EUA, e doutorado na USP, mas por muito tempo se dividiu entre a carreira acadêmica e o setor privado. Ele começou a trabalhar no Pão de Açúcar em 1963, quando a rede de supermercados estava nascendo, e foi seu diretor até os anos 1990.

Na década de 1980, participou dos debates sobre a inflação brasileira com uma série de artigos escritos em parceria com Yoshiaki Nakano, também da FGV. Neles, a dupla analisava os mecanismos de indexação que alimentavam os reajustes de preços e sugeria medidas para combater esse efeito inercial.

Bresser teve chance de pôr em prática suas ideias sobre a inflação no breve período em que foi ministro da Fazenda do governo José Sarney. Ele assumiu em 1987, após o fracasso do Plano Cruzado, promoveu novo congelamento de preços e se demitiu sete meses depois, quando a inflação subia 14% ao mês.

No livro, Bresser atribui o fracasso ao desalinhamento dos preços de vários setores da economia na época do congelamento, o que estimulava novas pressões por reajustes, e à falta de apoio do presidente para seu pacote de ajuste fiscal, que propunha medidas para conter gastos públicos e aumentar impostos.

A inflação só seria derrotada na década seguinte com o Plano Real, graças a um mecanismo engenhoso criado pelos economistas André Lara Resende e Persio Arida, ligados à Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio de Janeiro, para desmontar a engrenagem que alimentava reajustes de preços e salários.

Tesoureiro da campanha presidencial de Fernando Henrique Cardoso, Bresser voltou ao governo como ministro da Administração e Reforma do Estado. No início do segundo mandato, foi demitido quando o presidente buscava espaço na administração para reacomodar as forças políticas que o apoiavam.

Decepcionado com o presidente, que dava de ombros para suas críticas frequentes à política econômica do governo, Bresser passou a dedicar mais tempo às atividades acadêmicas e iniciou um ambicioso projeto de pesquisa, em busca de um novo modelo para o desenvolvimento econômico do país.

Batizado como Novo Desenvolvimentismo, ele é o assunto principal de vários capítulos do livro de entrevistas. Bresser reivindica para o modelo o status de uma nova teoria econômica, capaz de explicar o funcionamento do capitalismo e oferecer alternativas para governos de países periféricos como o Brasil.

Sua receita sugere manter o equilíbrio fiscal e adotar políticas que ajudem indústrias nacionais menos competitivas a crescer e enfrentar seus rivais estrangeiros, garantindo uma taxa de câmbio que estimule investimentos domésticos e exportações, inibindo importações de produtos de outros países.

A leitura das entrevistas mostra que Bresser é acima de tudo um otimista, com uma crença quase inabalável nas boas intenções dos empresários nacionais e na capacidade do Estado de coordenar o processo econômico sem ser capturado pelos interesses dos grupos beneficiados por suas políticas.

"Não vejo como é possível um sistema capitalista funcionar sem que o Estado regule o mercado e planeje os setores não competitivos do sistema econômico —setores que o mercado não tem como coordenar", ele diz. "O Estado desenvolvimentista precisa administrar preços macroeconômicos, mantê-los certos."

Bresser angariou simpatia na esquerda nos últimos anos, mas frustrou-se com os governos petistas também. "Eles tentaram ser desenvolvimentistas, mas não tiveram forças para mudar o regime de política econômica que é liberal desde 1990", afirma. "Revelaram total desconhecimento das minhas ideias."

Na campanha presidencial de 2018, Bresser se aproximou do ex-ministro Ciro Gomes, que adotou como principal assessor econômico outro de seus discípulos, o professor Nelson Marconi. Bresser promoveu um encontro em que Ciro e o petista Fernando Haddaddebateram suas propostas desenvolvimentistas.

A eleição de Jair Bolsonaro, que classifica como uma tragédia, parece ter abatido seu ânimo. "Estamos diante de um grande fracasso nacional", afirma Bresser. Embora mantenha a fé nas suas ideias, ele se diz pessimista sobre a capacidade de executá-las: "Hoje está claro para mim que nem a direita nem a esquerda são capazes de fazer o Brasil retornar ao desenvolvimento".